



## **MASCULINIDADES E EXECUÇÃO PENAL: TECNOLOGIAS DE GÊNERO E OUTROS APRISIONAMENTOS.**

Cintia Helena dos Santos<sup>1</sup>

O presente estudo articula as relações de poder na questão do crime e a operacionalização da lei, a forma sutil com que as tecnologias de gênero naturalizam ações e reações nas relações, parcerias e lutas diárias entre funcionários e pessoas presas e os processos de subjetivação contemporâneos.

Como parte de um projeto de doutorado em andamento que busca compreender os processos de subjetivação dos funcionários do Sistema Penitenciário, esta reflexão marca a escolha por utilizar o gênero, em especial as masculinidades, como categoria de análise. Conforme Lauretis (1987/1994), o gênero é nossa identidade primeira, aquilo que nos atribui uma existência significável para os outros, nos qualifica para a vida no interior da inteligibilidade cultural. Esta inteligibilidade do gênero tomada na sua historicidade nos permite olhar para os binarismos de modo crítico, evitando as respostas prontas e cristalizadas.

Destacamos que, ainda segundo Lauretis (1987/1994), o gênero esta muito além da diferença sexual, posto que é produto do entrelaçamento de várias tecnologias, uma maquinaria que constitui os discursos em que se apóiam as instituições do Estado, como a família, a escola, a igreja, a prisão...

Se por um lado as construções binárias criminoso/cidadão e preso/livre se articulam e se provocam na questão do crime e sua punição para construir o nada sutil sistema de sujeição e exercício de poder que caracteriza o Sistema Penitenciário, por outro, as tecnologias de gênero aprisionam silenciosamente e sutilmente as diversas pessoas envolvidas na execução de penas. A existência de pessoas presas cria a ilusão de liberdade necessária à construção do engodo de que somos livres. Essa ilusão, por sua vez, faz parte da maquinaria que nos leva a crer que nossas expressões de gêneros, o modo como nos apresentamos aos outros e que nos reconhecemos é fruto de nossas escolhas individuais e livres. Será?

Tanto a prisão como as tecnologias de gênero aprisionam, delimitam amarras, marcam os corpos... Todos os corpos: aqueles que estão presos aos padrões hegemônicos, interiorizando as disciplinas e regulamentações ditadas pelas normativas binárias e também aqueles que à ela se

---

<sup>1</sup> Doutoranda - Unesp. [cintiasantos@depen.pr.gov.br](mailto:cintiasantos@depen.pr.gov.br)



opõem. Foucault (apud Dreyfos & Rabinow, 1995), nos esclarece que não há poder sem resistência, o próprio contra-poder é que mantém e fortalece o poder. Assim posto, tanto o aceito como o não-aceito se provocam e se fortalecem mútua e permanentemente.

Nesta dinâmica, resta aos corpos ser objeto ou abjeto às normativas hegemônicas. Então, pensar as masculinidades destes corpos objetivados como disciplinadores e também daqueles tornados abjetos pelo ato criminoso nos parece um possível caminho genealógico de pesquisa, considerando que é indispensável à genealogia:

Marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona; espreitá-los lá onde menos se os esperava e naquilo que é tido como não possuindo história – os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos; apreender seu retorno não para traçar a curva lenta da evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas onde eles desempenharam papéis distintos; e até definir o ponto de sua lacuna, o momento em que eles não aconteceram.<sup>2</sup>

Partindo da matriz epistemológica proposta por Michel Foucault, a genealogia, temos escutado funcionários e pessoas presas em contextos diversos: entrevistas, realização de grupos operativos, em debates em cursos de capacitação e em atividades de rotina nas unidades penais, no sentido de:

Ativar saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância unitária que pretenderia depurá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência detida por alguns.<sup>3</sup>

O entrelaçamento destas falas tem nos permitido delinear o impacto das tecnologias de gênero, em especial das masculinidades, na dinâmica das relações de poder que se estabelecem entre os funcionários, entre as pessoas presas e também entre funcionários e pessoas presas.

Em uma análise do trabalho de José Gabriel de Lemos Brito (1934) *A questão sexual nas prisões*, Beattie(2009) discute a relação das expressões de sexualidade e a disciplina nas prisões. Ressalta que, para Lemos Brito, o homem teria instintos sexuais incontrolláveis (daí a afirmação: “cada homem traz dentro de si sua tragédia sexual”) que demandavam ao Estado uma resposta efetiva e específica para controlar e disciplinar os corpos. Neste sentido, sugeria que deveria ser permitido e regularizado o encontro sexual com as esposas para evitar as expressões sexuais e afetivas entre os homens presos. A prescrição médica da época era que os homens precisavam de sexo para manter seu bem estar físico e mental.

Embora não encontremos pesquisas que comprovem ou mesmo discutam em termos não moralistas se as hoje chamadas visitas íntimas têm alguma relação com a questão disciplinar nas prisões, essa teorização de Lemos Brito emergiu de diversas formas, por último em 1984 quando a

<sup>2</sup> FOUCAULT, M. *Micrifísica do poder*. 6º edição. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1986. P.15.

<sup>3</sup> FOUCAULT, M. *Micrifísica do poder*. 6º edição. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1986. P. 171.



visita íntima passa a ser um direito da pessoa presa, e não mais uma estratégia de controle ou tratamento ou uma regalia como já havia sido. Ressalta-se que, na prática, somente os homens presos é que tem o referido direito. As mulheres presas ainda não conseguiram...Os homens, em sua grande maioria, nem as visitam na prisão.

Ao pesquisar estudos sobre masculinidades nas bases do scielo - [www.scielo.br](http://www.scielo.br), encontramos trabalhos que as articulam com: os desdobramentos dos estudos feministas, articulando o desenvolvimento teórico das masculinidades e os desdobramentos destes estudos nas organizações sociais: violência; saúde; paternidades; mídia; relações contemporâneas. Entre tantos, selecionamos um autor que trata do recorte específico em que temos trabalhado. Daniel Welzer-Lang trabalha a questão da dominação masculina e as relações homes/homens.

Welzer-Lang (2001:3) se utiliza da descrição de uma “casa-dos-homens” para desenvolver sua argumentação acerca de como em nossas sociedades as crianças do sexo masculino deixam o mundo das mulheres mediante uma fase que denomina homosociabilidade. Longe dos homens grandes e das mulheres, reagrupados com outros meninos da sua idade, atravessam “fortes tendências e/ou grandes pressões para viver momentos de homossexualidade”, tais como comparações quanto tamanho do pênis, maratonas de masturbação, excitações coletivas com pornografia. Além desta iniciação entre iguais, há também a atuação dos homens-grandes que “mostram, corrigem e modelizam os que buscam o acesso à virilidade, onde então “cada homem se torna ao mesmo tempo iniciado e iniciador”.

Ressalta-se aqui que as iniciações marcam violentamente todos os envolvidos. Se distanciar do mundo das crianças e do mundo das mulheres e se tornar um homem implica em sofrimento:

O pequeno homem deve aprender a aceitar o sofrimento- sem dizer uma palavra e sem amaldiçoar- para integrar o círculo restrito dos homens. Nesses grupos monossexuados se incorporam gestos, movimentos, reações masculinas, todo o capital de atitudes que contribuirão para se tornar um homem.<sup>4</sup>

Os discursos e práticas de funcionários agentes penitenciários e de pessoas presas permitem observarmos que a prisão poderia ser chamada de uma casa-dos-homens com grades. Alguns funcionários, pessoas presas e familiares de ambos se referem à prisão como lugar onde “o filho chora e a mãe não vê”. Há rituais de iniciação, os iniciados introduzem os novos, e em ambos os grupos persiste a expressão valorizada “ser um cara homem”, que implica ter palavra, não agir diferentemente do que seu grupo prega como aceito e viril no grupo, ter influência sobre os demais e principalmente, não reproduzir padrões de relação tidos como femininos: falar demais (aqui uma

---

<sup>4</sup> WELZER-LANG, D. *A Construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, volume 9, número 2, 2001. Páginas 1 a 19. Disponível em: [www.scielo.br](http://www.scielo.br) Acesso em: 21/06/2010.



investigação/escuta mais cuidadosa demonstrou que não era falar demais, mas sim falar de sentimentos, fraquezas, medos), submissão sexual, mudança de atitude e/ou opinião.

Entre os funcionários podemos exemplificar com o fato da recorrência de relatos de infidelidade de colegas baseados no fato de que “também o cara é guarda, não podia deixar passar...” Entre as pessoas presas, uma fala de uma pessoa que procura a psicóloga porque “não pode ficar pensando a dos irmãozinhos de sofrimento com as suas coisas”, se referindo a deixar mais “pesada” a cadeia daqueles com que dividem a cela, mais difícil o dia-a-dia na prisão.

O respeito aos códigos os ritos vão determinado as hierarquias e cristalizando as relações consigo, com os outros e com as coisas a partir da operacionalização de relações de poder onde submissão e violência se produzem e se perpetuam dinâmica e decididamente.

Para os homens, como para as mulheres, a educação se faz por mimetismo. Ora, o mimetismo dos homens é um mimetismo de violências. De violência inicialmente contra si mesmo. A guerra que os homens empreendem em seus próprios corpos é inicialmente uma guerra contra eles mesmos. Depois, numa segunda etapa, é uma guerra com os outros.<sup>5</sup>

Em muitos aspectos, abjetos por serem criminosos -pessoas presas- e objetos da função do Estado na lógica punitiva – funcionários-, estão assujeitados às mesmas lógicas discursivas. Ambos não podem ser chamados pelo nome: um funcionário diz “na primeira semana de trabalho, estranhei quando um deles me chamou pelo nome. Depois me acostumei”. Faz-se necessário aqui esclarecer que todos os funcionários usam crachás de identificação com nome, mas, na grande maioria das vezes, as pessoas presas se referem aos agentes penitenciários como “Sr. Funcionário”.

Na mesma perspectiva, uma pessoas presa relata que “doe quando um funcionário que cresceu com agente, brincou junto, fala ‘deixa o preso passar aí..’ porque esta na frente dos outros”. Esclarecendo aqui que chamar de preso já denota uma conotação positiva, posto que no geral os agentes se referem a todas pessoas presas como “ladrão”.

Não nos surpreende as lutas diárias entre pessoas presas e agentes penitenciários, que expressam guerras por micro-poderes como o tempo de pátio, a forma e o tempo de receber visitas, ter acesso a alimentação diferenciada, ter acesso às assistências... Tudo isso é disputado e barganhado diariamente, e com a importância de uma disputa quanto ao tamanho do pênis. Embora tenhamos clareza do impacto subjetivo desta relação de luta constante, as surpresas foram as dinâmicas de dominação entre os iguais.

Entre as pessoas presas identificamos que os homossexuais, chamados de moleques (talvez porque não deixaram o mundo das mulheres e das crianças), são proibidos de realizar qualquer

---

<sup>5</sup> WELZER-LANG, D. *A Construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, volume 9, número 2, 2001. Páginas 1 a 19. Disponível em: [www.scielo.br](http://www.scielo.br) Acesso em: 21/06/2010.



trabalho que os coloque em contato com a alimentação das pessoas presas. Em grupos operativos, ao discutir deslocamentos possíveis e obrigatórios dentro da prisão, questionamos o porquê. Disseram-nos: “ah, doutora, olha onde esses caras põem a mão...”. Ao comentário de um homossexual presente: “onde todos vocês põem a mão para mijar...”, disseram, “é diferente, é o meu...” e não houve o menor espaço para relativizar a proibição.

Entre os funcionários, falas de agentes penitenciários que estavam em cargos de chefia sobre o seu trabalho: “lidar com preso é o mais fácil, o duro é a guarda, essa raça não tem jeito”. E ainda de outro agente, definindo o que caracteriza o agente penitenciário: “...é aquele cara que não pensa em como se adiantar, mas em como tirar o adianto do outro. Talvez seja porque é nossa função fazer isso com os presos.”

Welzer-Lang(2001:4) nos adverte a evitar o engano de achar que pelas modulações violentas, os agrupamentos masculinos que produzem e reproduzem masculinidades não tem apenas aspectos negativos. Muitas vezes associada à irmandade, a solidariedade no campo masculino é uma intervenção contra a dor de ser vítima, de ser submetido. A “casa dos homens é lugar de transmissão de valores positivos. Ter prazer juntos, descobrir o interesse do coletivo sobre o individual, são valores que fundam a solidariedade humana”.

Agentes penitenciários relatam que “às vezes agente perde a firmeza. Você não imagina o que é ver uma criança correr para o braço do cara, que ta lá, com cara de besta que faz muito tempo que não vê o filho que ele acha que é dele...Lembro uma vez que , quando percebi estava com o olho cheio de lágrima. Depois, o ladrão passou por mim e disse ‘sem palavra, seu funcionário’. Eu vi que ele percebeu que eu era humano também.” Aqui vemos que, mesmo mantendo a rivalidade, como na dúvida da paternidade, há o reconhecimento dos valores relativos aos laços familiares.

Mais além, pensamos que talvez a compreensão destas construções de expressões de masculinidades, ou mesmo a criação de espaços para refletir sobre elas, possam oferecer tanto aos funcionários quanto às pessoas presas a chance de entender que o jeito de ser e de se entender homem naquele espaço e no mundo, e que em alguns casos gera sofrimentos em si e nos outros, é muito mais uma sutil e útil construção histórica do que característica ou determinação individual.

A forma como são caladas e/ou adequadas as diversidades, e também as implicações várias que habitam o imaginário relativo aos deslocamentos possíveis e ou obrigatórios são determinantes em processos de subjetivação onde operam aprisionamentos mais precisos e danosos que as grades. Livrar as pessoas destas grades internalizadas em direção a uma forma de existir mais criativa, singular e produtiva é nossa meta ao discutir as masculinidades na execução penal. No lado oposto



a esta estética da existência figura o aprisionamento das tecnologias de gênero, onde “o indivíduo acaba por sentir em si o mal-estar silencioso, derivado da talvez mais hermética das prisões, aquela que se constitui quando o homem passa a ser um carcereiro de si próprio, vivendo na ilusão de ser livre”. (Rodrigues,1999:178-179) .

### *Bibliografia*

- DREYFOS, H & RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária ,1995.
- FOUCAULT, M. *Micrifísica do poder*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1986.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 15 edição. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1988.
- GROSSI, M.P. *Masculinidades: uma revisão teórica*. Antropologia em primeira mão - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Universidade de Santa Catarina número 1 (1995). Florianópolis: UFSC.
- LAURETIS, T. “*A tecnologia de gênero*”. Tradução: Funck, S. In: Hollanda, Buarque, H. (Org.) *Tendências e impasses- O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987/1994. Páginas 206 a 242.
- PETER M. BEATTIE. “*Cada homem traz dentro de si sua tragédia sexual*”: visitas conjugais, gênero e a questão sexual das prisões(1934) de Lemos Britto. Tradução: Bretas,M.L: Zuma,R. In: FONTES, C. N.; FLÁVIO, S. N.; COSTA, M.; BRETAS, M. L.(orgs). *História da Prisões no Brasil*. Número 2. Rio de Janeiro: Editora Rocco , 2009. Páginas 215 a 248.
- RODRIGUES, J. C. *O corpo na história*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz,1999.
- SOUZA, M.F. *As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a(s) masculinidade(s)*. Revista Mediações, Londrina, volume 14, número 2. 2009. Páginas 123 a 144. Jul/Dez 2009.
- AUTOR. *Título do artigo*. Título da publicação seriada, local, volume, número, mês ano. Paginação ou indicação de tamanho. Disponível em: <Endereço.>. Acesso em: data.
- WELZER-LANG, D. *A Construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia* . Revista Estudos Feministas, Florianópolis, volume 9, número 2, 2001. Páginas 1 a 19. Disponível em: [www.scielo.br](http://www.scielo.br) Acesso em: 21/06/2010.